

- 
- **CAMINHOS DA LINGÜÍSTICA BRASILEIRA NO SÉCULO XX**  
**Coordenador(a): *Maria Cristina Fernandes Salles Altman***

A partir do modus operandi de pesquisadores brasileiros associados a três grandes paradigmas da pesquisa lingüística brasileira no século XX: filologia, teoria gramatical, e tratamento eletrônico das línguas naturais, os participantes discutem certas fragmentações da disciplina lingüística.

---

## **A ESTRANHÍSSIMA HISTÓRIA DA MÁQUINA QUE QUERIA FALAR**

*Ronaldo Teixeira Martins (MACKENZIE)*

Auroux (1998) distingue, na história da linguagem, três principais revoluções tecnolingüísticas: “a invenção da escrita”, “a gramatização das diferentes línguas do mundo” e o “tratamento eletrônico da informação apresentada em linguagem natural”. O último e mais recente destes movimentos - também referido, genericamente, como “mecanização da linguagem” -, está geneticamente imbricado à longa história do desenvolvimento da máquina analítica e diferencial, para a qual faz convergir o produto da grafematização e da gramatização das línguas naturais,

de forma a estabelecer, mais do que uma instância de prova e validação, uma oportunidade de recriação e reinterpretção do conhecimento metalingüístico produzido até então. No entanto, ao exigir um deslocamento paradigmático que requalificasse o antropocentrismo das representações sobre a linguagem construídas ao longo da História, as iniciativas de mecanização da linguagem terminaram por escapar ao escopo da Lingüística e instalarem-se como domínio-ponte entre o nada e o coisa-nenhuma, de que é prova a desterritorialização das práticas de investigação da área, subsumidas, no Brasil e fora dele, por um vasto conjunto de disciplinas candidatas (Lingüística Computacional, Lingüística Matemática, Lingüística Informática, Engenharia de Linguagem, Processamento de Linguagem Natural, etc.), cuja dispersão onomasiológica será sintoma, não apenas da desorganização programática do campo, mas da disparidade de métodos e objetivos, o que tem frustrado a constituição de uma unidade disciplinar. Organizadas em torno da automatização de um mesmo conjunto de habilidades lingüísticas supostamente autônomas (traduzir, ler em voz alta, transcrever, resumir, revisar textos, etc.), cuja emulação poderia ser utilizada para acelerar, ampliar ou mesmo substituir o desempenho humano, essas várias disciplinas - muitas das quais não se reconhecem como subdomínio da Lingüística e estarão mais próximas talvez da Inteligência Artificial - permitem que se problematizem as fronteiras do trabalho do lingüista, particularmente num contexto, como o brasileiro, caracterizado ainda pela histórica encapsulação da investigação sobre a linguagem.

## **A TEORIA PADRÃO NA LINGÜÍSTICA BRASILEIRA: ASPECTOS VISTOS PELA HISTORIOGRAFIA LINGÜÍSTICA**

*Ronaldo de Oliveira Batista (MACKENZIE)*

Durante a década de 1970, alguns centros brasileiros de ensino e pesquisa aderiram às propostas da GRAMÁTICA GERATIVA (GG) de Noam Chomsky (n. 1928) - então representada pelas publicações em torno dos pontos teórico-metodológicos apresentados em *Aspects of the Theory of Syntax* (Chomsky, 1965, Cambridge, Mass: MITPress).

A história da GG situa nas décadas de 1960 e 1970 o estabelecimento e desenvolvimento da Teoria Padrão, caracterizada pela abordagem de estruturas sintagmáticas, transformações sintáticas e sistemas de regras pertinentes a componentes específicos da gramática. Reconhecida como a “era cognitiva” da GG, a Teoria Padrão, e seu diálogo com as ciências biológicas, apresentou propostas fundamentais nesse momento: o modelo de gramática que opera com a integração de componentes sintáticos, semânticos e fonológicos; e a proposição de que o objeto da pesquisa lingüística deveria ser a COMPETÊNCIA do falante.

Pelo olhar da Historiografia Lingüística, este trabalho procura resgatar esse período da história das ciências da linguagem no Brasil. Para tanto, destacarei o contexto social e acadêmico pertinente, as análises lingüísticas realizadas a partir de aspectos do português brasileiro que foram privilegiados em estudos e publicações.

Tomando por base um estudo de caso - em torno da “regra de deslocamento de afixo” -, esta comunicação procura mostrar o tipo de argumentação e de análise da Teoria Padrão brasileira, tendo por objetivo contribuir para a compreensão do desenvolvimento dos estudos lingüísticos brasileiros e suas contribuições e impasses.

## **SOUSA DA SILVEIRA E O PORTUGUÊS BRASILEIRO: BREVE COMENTÁRIO**

*Maurício Pedro da Silva*

Dono de uma capacidade de discernimento lingüístico indescritível e dotado de rara clareza de exposição didática, Sousa da Silveira (1883-1967) pode ser considerado um dos principais

estudiosos da Língua Portuguesa, adquirindo um reconhecimento que extrapolou os limites territoriais de seu país de origem e lhe proporcionou merecido destaque em Portugal. Entusiasta do chamado português brasileiro, Sousa da Silveira foi um dos precursores dos estudos dialetais no Brasil, como demonstra uma conferência, realizada nos primeiros anos da década de 1920, em que o eminente filólogo brasileiro expõe suas idéias a respeito da constituição do que considera um verdadeiro dialeto do português, o dialeto brasileiro. Apresentando algumas considerações a respeito das diferenças - sobretudo fonológicas - entre o português brasileiro e o europeu, Sousa da Silveira integra uma corrente do pensamento lingüístico nacional que, nas primeiras décadas do século passado, defendia a autonomia da variante brasileira da Língua Portuguesa, lançando mão de um discurso lingüístico marcadamente nacionalista.

Este trabalho apóia-se metodologicamente nos princípios teóricos da Historiografia Lingüística (ALTMAN, 1998), buscando inserir o pensamento de Sousa da Silveira no percurso reflexivo trilhado pela Lingüística no Brasil durante o século XX.

### **TRÊS MOMENTOS, TRÊS HISTÓRIAS E TRÊS LINGÜÍSTICAS NA LINGÜÍSTICA BRASILEIRA DO SÉCULO XX**

*Maria Cristina Fernandes Salles Altman (USP)*

Ninguém duvida que a historiografia lingüística, ao almejar ser algo mais do que a compilação sistemática de nomes e datas, sofra a inevitável pressão do ponto de vista da época e da subjetividade do historiógrafo na ordenação e hierarquização dos dados que seleciona. O contexto brasileiro da pesquisa lingüística no século XX não constituiu exceção. Se no início do século a orientação histórica dominava sob os rótulos de Filologia e Dialectologia, as décadas subseqüentes, principalmente as de 1950 a 1970 seriam fortemente marcadas pela necessidade de absorver uma realidade em rápida e intensa transformação social, econômica e política que impulsionava nossos pesquisadores para os modelos de futuro que nos apresentavam os chamados centros produtores de pesquisa de ponta. Isso talvez explique por que até os anos 1980 identificamos apenas um manual de história da lingüística suficientemente abrangente, escrito por um lingüista brasileiro: o de Mattoso Câmara, 1975. Se deixarmos momentaneamente em suspenso as décadas que se seguiram à institucionalização da disciplina e examinarmos as principais tendências da produção lingüística brasileira do final do século XX, observaremos nítidos movimentos de síntese entre as práticas de pesquisa com que rompemos e as práticas que criamos, através da volta (renovada) do estudo histórico e histórico-comparativo da(s) língua(s) do Brasil e, por extensão, do estudo crítico das origens e das formas da própria produção lingüística brasileira. Se uma das questões mais constantes na historiografia lingüística contemporânea tem sido a procura da explicação de como o conhecimento lingüístico se (re)produziu ao longo do tempo, se por movimentos de continuidade ou descontinuidade, a produção lingüística brasileira, neste intervalo, oferece um problema pertinente a esta reflexão.